

ACOLHIMENTO INTERASSISTENCIAL APLICADO À DOCÊNCIA CONSCIENCIOLÓGICA

Acolhimento Interassistencial Aplicado à Docência Conscienciológica

Glória Matuchewski

RESUMO. O presente artigo objetiva enfatizar a importância do acolhimento dispensado aos assistidos na docência Conscienciológica. A metodologia desta pesquisa baseou-se em experiências da autora na condição de Professora de Conscienciologia e também, como Parapedagoga por meio da observação e análise da prática docente de outros professores. Uma das tarefas do professor de Conscienciologia é facilitar as reciclagens dos seus assistidos por meio da tares. Todavia, reciclar nem sempre é algo simples, muitas vezes será necessário tirar o aluno de sua zona de conforto, mexer com paradigmas arraigados e promover o desassédio extrafísico do indivíduo. Promover um clima acolhedor em sala de aula contribui sobremaneira para gerar a interconfiança necessária ao aprofundamento dos trabalhos assistenciais.

Palavras-chave: Acolhimento, interassistência, docência conscienciológica.

ABSTRACT. This article aims to emphasize the importance of the welcome received by the assisted in Conscientiological teaching. The methodology of this research was based on the author's experiences as Conscientiology teacher and, as well, as well as Parapedagogue through observation and analysis of teaching practice of other teachers. One of the Conscientiology teacher's task is to facilitate the recycling of their assisted through clarification task. However, recycling is not always something simple, often you must take the student out of his/her comfort zone, tamper with deep-rooted paradigms and to promote extraphysical deintrusion of the individual. Promoting a welcoming atmosphere in the classroom contributes greatly to generate the inter confidence necessary for deepening the assistencial work.

Keywords: Wellcome; interassistance; conscientiological teaching.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda o acolhimento interassistencial aplicado à docência conscienciológica e tem como objetivo enfatizar para a importância da adoção de posturas mais acolhedoras e fraternas pelo docente no exercício da reeducação das consciências.

No decorrer do trabalho a autora busca analisar quais posturas e atitudes do professor podem atuar como facilitadoras da interação positiva com os alunos e quais características dificultam essa relação.

A motivação para esta pesquisa surgiu após se observar que na grande maioria dos casos analisados o acolhimento prévio foi fundamental para que o trabalho prioritário buscado em uma aula de conscienciologia, qual seja, a tares, fosse atingido com mais eficácia.

Ao longo de experiências, na prática docente e também como parapedagoga, observou-se que a instalação de um clima acolhedor propiciava a desdramatização dos pontos a serem reciclados, tanto para o assistido como para o assistente.

Nestas vivências pôde-se notar que o acolhimento gerava uma relação de interconfiança para debater dúvidas “óbvias”, compartilhar experiências e propiciava o abertismo necessário à tares.

Diante disso, a autora convida aos interessados em melhorar suas abordagens assistenciais para conhecer essa pesquisa.

O texto está organizado em dez tópicos dispostos do seguinte modo: I – Entendimento (desassédio) do Termo Acolhimento; II – Acolhimento: Ferramenta Facilitadora da Tares; III – Acolhimento como uma das Características do Professor Ideal; IV – Análise da Interação Professor-aluno; V – Acolhimento: Abertismo do Professor para a Participação do Aluno; VI – Acolhimento e Responsabilidade; VII – Acolhimento e Empatia; VIII – Acolhimento e Comunicabilidade; IX – Acolhimento e Inclusão; X – Acolhimento e Deseducação (Paparicação).

A pesquisa aqui apresentada não é conclusiva e está aberta a debates, refutações e contribuições com vistas à melhoria constante da Parapedagogia.

I. ENTENDIMENTO (DESSASSÉDIO) DO TERMO ACOLHIMENTO

Em um primeiro momento o termo acolhimento empregado neste estudo pode gerar certa repulsa, sendo necessária a reflexão sobre o vocábulo evitando interpretações equivocadas sobre o tema.

Acolher pode trazer para alguns a ideia de mimar, proteger, consolar, defender, enfatizando, portanto, uma conotação piegas, ultrapassada e paternalista.

Por outro lado, o termo pode ser empregado no sentido de amparar, ajudar, auxiliar, fazer *rapport*, criar um clima de interconfiança que predispõe à tares e é justamente neste sentido do vocábulo que a pesquisa foi elaborada.

Importa estar atento para palavras que em sua essência são neutras ou ambivalentes mas que por força do hábito são utilizadas em um único sentido, em geral nosográfico. Essa monovisão pode prejudicar a compreensão do texto em que estão inseridas.

Também não é certo concluir que o termo acolhimento diz respeito apenas e tão somente ao psicossoma, às emoções.

Considerando que a manifestação da consciência é holossomática, é possível acolher com um sorriso (utilizando-se o soma), com acoplamentos (por meio do energossoma) e também com ideias assistenciais (fazendo o uso do mentalsoma).

Fica aqui o convite a todos para deixarem de lado preconceitos e condicionamentos e adotarem uma postura aberta (e porque não dizer acolhedora) frente ao vocábulo *acolhimento* e consequentemente ao estudo como um todo.

Feitas essas considerações, segue a definição de acolhimento interassistencial:

Acolhimento Interassistencial: *Acolhimento Interassistencial* é o conjunto de atitudes cosmoéticas, empregadas pela consciência, intra ou extrafísica, no sentido de acolher, amparar, uma ou mais consciências, empregado como técnica auxiliar com objetivo de potencializar a tarefa do esclarecimento ou torná-la mais eficaz.

Sinonímia: 1. acolhida assistente-assistido. 2. receptividade interassistencial.

Antonímia: 1. desacolhimento. 2. acolhimento assistencialista.

Embora a tares possa ser realizada em outros contextos, o presente artigo diz respeito ao processo do acolhimento na interação parapedagogo-semperaprendente ou professor-aluno, portanto, aplicado à docência conscienciológica.

II. ACOLHIMENTO: FERRAMENTA FACILITADORA DA TARES

O parapedagogo atua, ou pretende atuar na condição de facilitador, ou seja, aquele que facilita a aprendizagem do aluno.

Para tanto, importa analisar que posturas, ferramentas, comportamentos do docente podem ser melhoradas no sentido de que o mesmo cumpra efetivamente a função de um facilitador do aprendizado.

O trinômio interassistencial *acolhimento-orientação-encaminhamento* nos traz clara a ideia de que muitas vezes é necessário acolher antes de esclarecer.

Nem todos os alunos que chegam à sala de aula conseguem identificar-se de *imediate* com *todas* as ideias da Conscienciologia, ainda que algumas hipóteses trazidas pela ciência façam sentido outras podem parecer-lhes rigorosas demais ou de difícil entendimento.

A dificuldade de apreensão das *neoidéias* pode ter várias razões, dentre elas podemos citar:

- a) Aluno busca evoluir, porém, nesta ou em outras vidas teve dissabores com as lavagens cerebrais ficando sempre na defensiva para não cair novamente no mesmo engodo.
- b) Aluno com forte influência de dogmas místicos ou religiosos que dificultam o entendimento de ideias libertárias, anti-dogmáticas.
- c) Aluno predisposto à reciclagem, porém, com grande dificuldade cognitiva ou de entendimento dos neologismos e verbetes.

Neste sentido, o ato de acolher o aluno mostra-se fundamental ao preparo “do terreno” para a tares e para a compreensão das ideias da Conscienciologia. A relação com os alunos, criando uma atmosfera que favoreça a aprendizagem, assimilação e troca de ideias, pode ajudar sobremaneira reciclagem pessoal dos mesmos.

Os fatos evidenciam que a Conscienciologia não pode ser massificada. Porém, o docente precisa estar atento em não negar auxílio às consciências baseado na interpretação equivocada dessa premissa. É papel do facilitador da Conscienciologia ensinar todos os esforços para ajudar no entendimento das *neoidéias* à aqueles que batem à porta da sala de aula.

III. ACOLHIMENTO COMO UMA DAS CARACTERÍSTICAS DO PROFESSOR IDEAL

Enquadrar os parapedagogos/professores em um único modelo a ser seguido de modo a reprimir suas potencialidades docentes definitivamente não é intenção dessa autora, pois é evidente que cada professor tem suas singularidades docentes e um jeito particular de atuar.

Porém, ainda que as consciências sejam diferentes entre si e que cada parapedagogo tenha o seu estilo pessoal, é possível traçar características básicas que são fundamentais para melhorar o processo de aprendizagem dos alunos *semperaprendentes*.¹

Diversas pesquisas e estudos realizadas na socin, com o intuito de avaliar quais seriam as qualidades que qualificam um docente como um bom professor, revelaram como características básicas: o domínio de conteúdo; a boa comunicação e bom relacionamento como os alunos.

Pela Conscienciologia, essas características podem ser traduzidas em: intelectualidade; comunicabilidade; interassistencialidade.

¹ Este também é o entendimento de Morales (2008, p. 30) para quem “não existe professor ideal o que pode ocorrer é a busca de condutas desejáveis”.

Esses atributos muitas vezes mostram-se associados entre si e a outros não menos importantes, basta lembrar, por exemplo, que a interação professor-aluno irá abranger também o aspecto energético e, portanto envolve o parapsiquismo.

Todavia, a ênfase que será dada neste estudo está relacionada principalmente à interassistencialidade e mais especificamente ao acolhimento, imprescindível para qualificar a relação parapedagogo-semperaprendente tornando o processo tarístico mais eficaz.

Mas por que é importante ao professor de Conscienciologia ser benquisto e acolhedor? Afinal a tares não é antipática? O ideal não é fazer prevalecer sempre o mentalsoma em detrimento do psicossoma?

São justamente interpretações equivocadas como essas que dificultam a eficácia da tares. Deve-se ter cuidado para não relacionar afetividade com patologia do psicossoma ou com tacon. Existe a afetividade madura imprescindível para a convivialidade sadia.

A autora defende a hipótese de que todo recurso didático, desde que cosmoético, pode ser utilizado na realização da assistência parapedagógica em sala de aula. Cumpre ao parapedagogo avaliar qual é a real necessidade evolutiva do assistido, se julgar que é necessário o acolhimento cosmoético, não exitar em utilizar essa ferramenta por mero preconceito.

IV. ANÁLISE DA INTERAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

O processo interassistencial envolve pelo menos duas consciências. Não há como realizar a tares sem se relacionar de alguma forma com o assistido.

No universo pedagógico e também parapedagógico é comum escutar a frase: “dei a aula, mas notei que não houve interação por parte dos alunos.” Esse simples comentário abre caminho para importantes análises.

Primeira análise que se pode fazer é quanto à ideia de não ter havido interação.

A INTERAÇÃO SEMPRE OCORRE. ELA PODE RECEBER VÁRIOS PREDICADOS: PODE SER POSITIVA, NEGATIVA, FÁCIL, DIFÍCIL, ACOLHEDORA, ENRIQUECEDORA, PODE SER SUTIL, EXPLÍCITA, MAS O FATO É QUE ELA SEMPRE OCORRE.

Por mais que o professor de Conscienciologia não deseje estabelecer relação com o aluno a interação já está ocorrendo. Ainda que o professor ou o aluno não tenham proferido palavras, inevitavelmente ocorrem trocas de pensamentos, sentimentos e energias entre eles.

Nesse contexto, importa salientar que o acolhimento interassistencial abrange não só atitudes, mas os pensenes emitidos. O que o professor de Conscienciologia pensa e sente em relação ao assistido e com relação a si mesmo interfere sobremaneira no processo de acolhimento parapedagogo-semperaprendente e conseqüentemente no processo de aprendizagem, nas trocas e na aquisição ou recuperação de cons.

A título de ilustração, eis 3 exemplos de patopenses que podem criar ruídos na interação professor-aluno, prejudicando a tares:

1. professor com baixa auto-estima que alimenta ideias como essas: “fulano deve estar me achando um idiota...”

2. professor com processo de auto-culpa: “sou um péssimo professor, não estudei direito a aula, os alunos estão percebendo que não tenho conteúdo...”

3. professor que compete com o aluno: “fulano pensa que sabe mais do que eu e está me testando mas agora pego ele...”

O professor pode ter a teoria do pensene na ponta da língua, bem como pode ter completa ciência de que pensamentos, sentimentos e energias interferem demasiadamente nas inter-relações, entretanto, por razões diversas, acaba esquecendo de aplicar a teoria adquirida na hora “h”.

Diante dessa constatação é necessário que o docente mantenha sempre a lucidez no sentido de deixar de lado o egocentrismo e a preocupação com a auto imagem, lembrando-se sempre que o fim precípuo de uma aula de Conscienciologia é a interassistência.

***NUTRIR SENTIMENTOS PATOLÓGICOS COM
RELAÇÃO AO ALUNO OU A SI MESMO
DIFICULTAM O ACOLHIMENTO INTERASSIS-
TENCIAL NECESSÁRIO À TARES.***

Retomando a análise da frase “dei a aula, mas notei que não houve interação por parte dos alunos” proposta no início desse tópico, é possível que a sentença leve à conclusão de que os alunos foram os únicos responsáveis pela interação deficitária.

Essa conclusão precipitada e superficial merece ser evitada, o melhor é estar aberto para a verificação de outras variáveis que podem ter comprometido a interação. Dentre elas estabelecer a hipótese de que ele próprio, professor, pode ter algo a melhorar e não há razão para se envergonhar disso.

Pelo contrário, o professor precisa saber valorizar a oportunidade na qual está inserido, encarar a sala de aula como um processo *interassistencial*, onde ele embora desempenhe o papel de quem ensina também aprende.

O professor é *semperaprendente*. Almeida (2005, p.61), reforça essa tese ao expor que “há quem aproveite o convívio interconsciencial para dinamizar a auto-evolução, valorizando a oportunidade de aprender com os outros, o tempo todo”.

Toda situação ensina. Em muitos casos o simples fato do aluno ficar calado o tempo todo, dormir, bocejar pode dizer muito sobre a aula e sobre a interação professor-aluno. Fatos como esses apontam o que precisa ser reciclado enquanto docentes.

Segundo Morales (2008, p.10), “pensar na sala de aula como um lugar de relação pode abrir para nós um horizonte de possibilidades, inclusive, didáticas, que talvez não estejamos utilizando em todo seu potencial.”

V. ACOLHIMENTO: ABERTISMO DO PROFESSOR PARA A PARTICIPAÇÃO DO ALUNO

O professor precisa estar aberto para trocas. O ensino vertical, ou seja, o ensino onde as regras são impostas de cima para baixo, onde o professor é tido como o único detentor de conhecimento, onde não há espaço para uma relação mais democrática com o aluno, tem se mostrado insuficiente.

Nota-se que nessa modalidade de ensino (vertical) o aluno decora, assimila, mas por outro lado tem tolhidas a livre associação de ideias, a criatividade o desenvolvimento da argumentação, do debate e do juízo crítico.

O ensino horizontal, no qual o foco é o aluno, no qual ele participa ativamente de seu aprendizado tem se mostrado mais adequado pois estimula a autonomia, o autodidatismo e a participação em contraposição à dependência, autoritarismo e repressão.

Embora não haja mais espaço para a palmatória muitos docentes ainda reprimem os alunos por intermédio de seus pensenes, postura essa totalmente oposta ao acolhimento interconsciencial que predispõe ao aprendizado.

Inconscientemente o professor pode estar realizando uma automimese dispensável quando utiliza a sala de aula como meio de exercício de poder, subjugação, lavagem cerebral ou como forma de enaltecer o próprio ego. Distorce a regra da assistência por julgar ser ele *maxipeça dentro do minimecanismo assistencial*.

Mais do que atualizar-se quanto a metodologias de ensino ao professor de Conscienciologia importa atualizar/reciclar posturas provenientes de vidas anteriores que podem estar interferindo de modo patológico na realização da tarefas.

Neste sentido a descensão cosmoética² é remédio eficaz aos interessados em reciclar posturas sacralizadoras de orgulho, arrogância, soberba que dificultam o processo de acolhimento interassistencial tarístico.

Dentro desse contexto está a figura do professor arrogante e sabe-tudo, possuidor de grande erudição, que não admite a possibilidade de existir algum assunto que desconheça, ignora, no entanto, que essa postura pode levar a conseqüências anti-acolhimento, a exemplo dessas três:

1. O aluno começa a adotar uma conduta acrítica, deposita muita confiança nos conhecimentos do “mestre”, não se julga apto a questionar as ideias prontas que lhe são apresentadas.
2. O aluno fica retraído e acanhado em contribuir com o que julga mísero conhecimento frente a tamanha sabedoria.
3. Gera revolta ao aluno que começa a criar embates na tentativa de mostrar ao professor que ele não é o dono da verdade.

Importa o professor recobrar a lucidez, fazer suas reciclagens a fim de acolher os alunos, estabelecer com eles relação aberta e fraterna sem arrogâncias e beligerâncias. Na aula de Conscienciologia não há espaço para cabo de guerra.

É necessário que o aluno sinta-se acolhido, sinta que existe uma relação de interconfiança, que esteja à vontade para fazer perguntas, tecer comentários, estabelecer correlações, acrescentar ideias, falar de suas experiências e vivências.

Em geral, na condição de professores, alimentamos muitas expectativas com relação aos alunos, desejamos que eles evoluam, reciclem seus tráfes, que enxerguem seus potenciais, mas convém observar se estamos dando espaço para isso.

² “A descensão cosmoética é o ato, processo ou efeito da descida paradoxal da conscin dos pináculos humanos das condições ímprobos ou anticosmoéticas, evidentemente do egoísmo e do orgulho, pra alcançar a ascensão evolutiva do altruísmo e da fraternidade vivida no caminho da evolução consciencial.” Vieira (2010, p. 2608).

Os itens abaixo auxiliam o docente na reflexão sincera quanto ao seu nível de aplicação do acolhimento interassistencial:

1. **Quanto ao *timing***, seguem 2 exemplos de posturas contrárias ao acolhimento:
 - a) Preocupação excessiva em ministrar todo o conteúdo estabelecido, acarretando na falta de tempo-espço para o aluno interagir.
 - b) Controlar e engessar demais a aula frisando que as perguntas ficam para o final da exposição, gerando desestímulo ou ansiedade no aluno.

As perguntas, quando bem utilizadas, representam um excelente recurso didático que propicia o acolhimento interassistencial.

Isto porque, muitas vezes é justamente no momento em que faz uma pergunta ao professor ou quando busca responder a pergunta que lhe foi apresentada pelo docente é aluno se abre, mostra sua forma de pensar, seus medos, anseios, conhecimentos e necessidades.

Essa oportunidade é valiosa para acolher e amparar realmente o aluno e suas consciexes e porque não dizer, ser acolhido e amparado por eles, afinal o acolhimento interassistencial é uma via de mão dupla.

Questionamento. Você, na qualidade de professor, disponibiliza tempo para o aluno interagir? Quando lança perguntas aos alunos, revela ser paciente no aguardo de suas respostas?

ACOLHER É OPORTUNIZAR A INTERAÇÃO.

2. **Quanto à curiosidade:** apresenta aula monótona ou instiga a interação e a curiosidade do aluno? Livros, pesquisas recentes e cosmogramas quando bem empregados ajudam nesse item.³

3. **Quanto à mentalsomática:** cria holopensene que predispõe a criatividade, o surgimento de neoideias, a associações e a rememoração do Curso Intermissivo?

4. **Quanto à aplicação:** apresenta exemplos, fatuísticas e casuísticas para facilitar o entendimento da teoria? Para aproximar o conteúdo da realidade do aluno?

O professor acolhedor respeita o nível evolutivo do aluno, valoriza as experiências deste, entende seu ponto de vista ou se esforça para tanto criando condições que ajudam na superação dos traços fardos dos assistidos.

Não se pode concluir esse item sobre abertismo do professor sem analisar a questão que muitos docentes, em especial os iniciantes, levantam: é adequado ao professor de Conscienciolgia contar assuntos ou experiências pessoais em sala?

A autoexposição excessiva e deslocada não é sadia. Quando empregada de forma a preencher lacunas na preparação do conteúdo ou com a intenção de inflar o próprio ego a autoexposição é negativa.

³ “... o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma ‘cantiga de ninar’. Seus alunos cansam não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.” (FREIRE, 1996, p.96)

Por outro lado os fatos demonstram que no momento em que adotamos uma postura mais aberta, mostramos quem somos, em geral nos aproximamos do aluno e pode se estabelecer uma relação de interconfiança e acolhimento muito propícia para as trocas. A postura do professor em se abrir com a turma estimula o aluno a agir de maneira semelhante.

Vieira (2007, p.1200) cita a exposição de autovivência e o episódio autobiográfico como categorias de ganchos didáticos que podem ser utilizados pelo professor como recursos para esclarecer melhor o desenvolvimento de ideias renovando a curiosidade dos alunos.⁴

Neste item ajudam sobremaneira a intencionalidade cosmoética e o bom senso para a utilização da autoexposição como recurso didático adequado ao momento.

VI. ACOLHIMENTO E RESPONSABILIDADE

Embora seja saudável e necessário que o professor assuma a condição de semperaprendente não deve se esquecer que ele é o epicentro e portanto, o principal responsável pelo processo de acolhimento e aprendizado.

Neste tópico inserem-se a responsabilidade com a preparação do conteúdo e com a instalação do campo parapedagógico.

a) Responsabilidade com a preparação do plano de aula.

A dedicação, o desvelo a atenção com a preparação antecipada da aula são atitudes que repercutirão no acolhimento interconsciencial.

É tarefa do professor estudar os conteúdos que irá ministrar. Ir para sala de aula sem preparo prévio do conteúdo é ato que denota irresponsabilidade e falta de respeito com os alunos.

A postura do “na hora sai” merece ser evitada e não deve ser confundida com capacidade de improviso ou “jogo de cintura”.

Por mais que se tenha domínio do conteúdo sempre há o que ser melhorado, sempre podem ser feitas novas associações de ideias que serão úteis para estreitar o contato com o aluno.

Quanto mais veterano é o professor maior responsabilidade deve demonstrar e portanto não deve substituir a aula.

O professor acolhedor estimula os alunos, instiga, promove o acolhimento através de ideias, prende a atenção dos semperaprendentes.

Por falta de preparo do conteúdo muitas vezes o docente tangencia o assunto principal da aula, sem chegar a pontos interessantes e prioritários. Tal atitude pode gerar contrapensenes que atuam como barreiras ao acolhimento interassistencial.

Ao passo que com a preparação cuidadosa, o professor pode refletir quais assuntos são prioritários e de que forma o tema pode ser melhor abordado para acessar e incluir determinado aluno específico.

Pensar previamente a aula de modo a estabelecer *rapport* antecipado com os alunos e consciexes denota responsabilidade e auxilia no processo de acolhimento interassistencial.

⁴ “O gancho didático é o recurso intelectual da citação de alguma ocorrência, episódio ou caso específico empregado pelo professor, ou professora, como exemplo, durante a exposição na conversa, na escrita ou mesmo na aula sobre qualquer assunto técnico mais detalhado, a fim de esclarecer melhor, de maneira objetiva, o desenvolvimento das ideias e renovar a curiosidade dos alunos ou atizar o interesse dos ouvintes, das pessoas presentes na plateias ou do público espectador, próximo ou distante.” Vieira (2010, p. 3433)

b) Responsabilidade pela instalação do campo parapedagógico interassistencial.

Existem algumas dicas de otimização da instalação do campo parapedagógico interassistencial que foram exaustivamente citadas em artigos, jornadas e congressos de Parapedagogia e que podem parecer óbvias, mas nem por isso são menos importantes ou merecem ser descartadas.

Ao contrário, os pequenos detalhes ou detalhes óbvios podem fazer toda a diferença.

Dentre eles vale salientar especialmente a conduta de chegar com antecedência mínima de 30 minutos e o contato com a equipe extrafísica de amparadores.

O professor é o epicentro consciencial da aula, logo, sem sua presença não há campo parapedagógico que se instale ou se mantenha.

O gesto básico do acolhimento e hospitalidade do bom anfitrião é arrumar o ambiente e estar pronto à espera de seus convidados. Como pode o professor realizar o acolhimento inicial se chega após o aluno?

A atitude de chegar cedo, testar equipamentos e demais instrumentos de trabalho, pensar de que maneira a disposição das cadeiras pode predispor a uma maior interação, ajudam sobremaneira no bom andamento da aula e acolhimento das consciências e consciências.

Em sua experiência, ao longo de nove anos de docência consciencial, a autora observou que o preparo prévio e cuidadoso do conteúdo a ser ministrado, aliado a sua presença antecipada em sala no dia da aula, repercutia diretamente no aumento do quórum de alunos e no envolvimento destes com a atividade. Embora não tenha sido realizada uma pesquisa sistematizada a respeito este fato também foi constatado por outros docentes.

O campo parapedagógico gerado a partir do professor parece envolver e acolher o aluno, facilitando a sua chegada, resultando em um melhor aproveitamento da aula.

Importa lembrar que por mais que o professor seja muito competente no exercício de sua tarefa, este não atua sozinho. O contato intencional com o amparo potencializa a tarefa.

Convém ao docente observar se ele está acolhendo os amparadores extrafísicos, se sua manifestação pensônica está contribuindo para que a interação multidimensional ocorra, a fim de permitir o trabalho ombro-a-ombro em prol da assistência.

Além da higidez pensônica, o trabalho com as energias, o desenvolvimento do parapsiquismo e, em especial, das sinaléticas energéticas, predispõe o acolhimento da equipe.

VII. ACOLHIMENTO E EMPATIA

O trabalho assistencial é, antes de mais nada, a necessidade evolutiva do assistido. Todavia, nem sempre esta necessidade está explícita cabendo ao professor a tarefa de identificá-la a fim de realizar a tarefa de modo mais assertivo.

Para a identificação da assistência prioritária àquela consciência, é imprescindível entender o que ela pensa, o que sente, como estão suas energias, enfim, de que modo a mesma funciona.

O processo empático, visando o acolhimento interassistencial ajuda sobremaneira neste aspecto.

A empatia segundo o dicionário Houaiss (2009) é a “capacidade de se identificar com outra pessoa, de sentir o que ela sente, de querer o que ela quer, de apreender do modo como ela apreende”. Ainda nesse mesmo dicionário pela rubrica da psicologia, empatia é o “processo

de identificação em que o indivíduo se coloca no lugar do outro e, com base em suas próprias suposições ou impressões, tenta compreender o comportamento do outro”.

Pode-se dizer que estabelecer empatia é adentrar cosmoeticamente no microuniverso do outro com vistas a entender melhor a sua consciencialidade.⁵

Ainda que a empatia seja característica inata, é possível ao professor interessado desenvolver e qualificar a capacidade empática intensificando o acolhimento interassistencial.

“Qualificando a empatia, o professor perceberá a real necessidade evolutiva do aluno, muitas vezes mero porta-voz de suas companhias extrafísicas também carentes de esclarecimentos” (Damasio, 2007, p.86). Aqui o professor precisará trabalhar aspectos de sua afetividade abrindo mão de preconceitos, repressões que criam barreiras ao acolhimento interassistencial.

Ainda que momentaneamente entrem elementos estranhos não tão hígidos em sua psicofera, o desenvolvimento da empatia exige que o professor se predisponha abertamente ao acoplamento com o aluno.

Nunca é demais lembrar que após o processo de acoplamento e assimilação energética é imprescindível promover a desassim.

**A EMPATIA INTENSIFICADA POR MEIO
DA ASSIMILAÇÃO ENERGÉTICA PROMOVE
O ACOLHIMENTO INTERRASSISTENCIAL
PROFESSOR-ALUNO.**

VIII. ACOLHIMENTO E COMUNICABILIDADE

A comunicação é um dos principais instrumentos de trabalho do professor. A qualidade da interação professor-aluno pode estar ligada a ruídos na transmissão da mensagem do emissor ao receptor.

Cabe ao professor estar atento a fim de verificar se sua comunicabilidade está adequada se ela contribui ou não no exercício do acolhimento interassistencial terapêutico.

Eis importantes características da comunicação que podem ser prioritariamente avaliados pelo docente:

A - Quanto à voz:

- 1 – muito alta ou muito baixa;
- 2 – apresenta um tom de voz compatível com o meio de propagação;
- 3 – voz estridente;
- 4 – voz agradável e acolhedora;
- 5 – muito grave impondo medo ou muito fina denotando fragilidade.

⁵ A relação entre professor e aluno depende, fundamentalmente, do clima estabelecido pelo professor, da relação empática com seus alunos, de sua capacidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre o seu conhecimento e o deles. (SILVA, 2005) .

B – Quanto à velocidade:

- 1 – fala vagarosa e cansativa;
- 2 – fala muito rápida;
- 3 – fala no ritmo adequado.

C – Quanto à dicção

- 1 – pessoa fanha;
- 2 - pessoa que fala para dentro;
- 3 – pessoa que troca letras, exemplo “s” por “f”;
- 4 – pessoa que pronuncia as palavras de forma clara e correta.

Questionamento. Você consegue identificar quais das características acima citadas vem adotando em sua interação em sala de aula?

Gravar sua própria aula e assisti-la posteriormente é recurso que ajuda a identificar “ruídos” que podem estar interferindo no acolhimento interassistencial.

Importa em alguns casos admitir que o melhor a fazer para qualificar a manifestação acolhedora é consultar um fonoaudiólogo, lembre-se “se eu melhora todos ganham”.

Ainda dentro do aspecto da comunicabilidade vale à pena o interessado observar:

01. A forma da apresentação do conteúdo:

Toda ciência possui termos técnicos que lhe são próprios, no entanto, o professor muito técnico pode passar a impressão de frieza gerando distanciamento.

O ideal é buscar adequar a apresentação do conteúdo ao público em questão gerando acolhimento.

Explicar qual é a importância do assunto que será tratado e de que modo a teoria pode ser aplicada no cotidiano, são atitudes simples que podem aproximar o aluno do campo parapedagógico.

02. A postura corporal:

A comunicação humana não se restringe à linguagem verbal, ela abrange também gestos, expressões faciais e corporais.

Logo, a comunicação verbal e a não verbal compõem a manifestação do docente em sala de aula.

Neste sentido, cumpre ao professor observar que reações sua postura corporal, seu gestual e sua expressão facial, geram nos alunos.

Impressões coletadas por esta autora em observações de aulas evidenciaram que braços cruzados à frente, nariz empinado, peito estufado, por exemplo, parecem prejudicar a interação com o público, por denotar fechadismo, arrogância ou superioridade.

Tais posturas podem intimidar o aluno provocando o distanciamento entre os participantes da relação.

O ato inconsciente de dar as costas ao aluno enquanto lê a apresentação dos slides representa outra postura corporal a ser evitada pois, pode acarretar na dispersão do assistido e conseqüente desconexão com o campo parapedagógico.

Por outro lado, notou-se que a postura ereta voltada para o público, braços soltos, o sorriso, o olhar que percorre toda a sala, o caminhar suave, gestos moderados repercutiam em uma maior participação dos alunos. Esse modo de expressão parece gerar um ambiente de confiável, aberto que predispõe o aprendizado.

IX. ACOLHIMENTO E INCLUSÃO

O professor acolhedor tem um importante papel no processo de integração e inclusão dos alunos visando o crescimento do grupo como um todo.

Acolher é incluir, é fazer o outro sentir-se bem, é gerar no outro um sentimento de pertencimento a um mecanismo do qual ele é peça importante.

Para desenvolver ou aprimorar a competência do acolhimento sugere-se ao interessado que busque aprofundar a análise de sua prática docente a fim de identificar posturas ou traços que, por ventura, possam interferir negativamente na interação professor-aluno.

Embora seja conhecedor de ideias avançadas como universalismo, cosmoética e megafraaternidade, na condição de pré-serenão vulgar, o professor de Conscienciologia muitas vezes apresenta determinados preconceitos que precisam ser trabalhados. Assumir de forma desdramatizada a sua real condição é o primeiro passo para as mudanças necessárias.

Visando auxiliar no processo de identificação e superação dos preconceitos seguem algumas situações para a análise mais apurada do interessado:

1. Rótulos. Ainda rotulo ou estigmatizo algum aluno em razão de experiência anterior ou mesmo em razão de comentários de outros professores com relação a esse aluno?

Os rótulos que colocamos nos alunos podem dificultar o acolhimento interconsciencial comprometendo a eficácia da tarefa.

O ato de coletar o máximo de informações sobre os alunos sem dúvida facilita o *rapport* e fornece pistas de pontos importantes que precisam ser trabalhados com eles. Todavia, é preciso avaliar as opiniões de outros docentes com critério. Há que se considerar, por exemplo, que a falta de êxitos anteriores pode ter sido falha do outro professor no trato com o aluno.

Não ser ingênuo, não descartar a informação, mas não estabelecer com o aluno uma relação de descrédito. Acolher é apostar na capacidade de reciclagem do aluno. Todos merecem uma segunda chance.

2. Aspecto físico. Seleciono os alunos para os quais vou dispensar mais atenção em razão do aspecto físico ou acolho todos de forma igualitária?

a) **Portadores de deficiências:** convém tratar o portador de deficiência com respeito dando ao mesmo condições favoráveis ao estudo, facilitando o acesso e acomodação à sala de aula. Porém, há que se ter em mente que apesar dessas pessoas terem necessidades especiais não são inferiores às demais. Também não convém dispensar atenção demasiada e de forma infantil a eles. O melhor é dispensar, na medida do possível, igual tratamento a todos os alunos.

b) **Beleza física:** Associo a capacidade e inteligência a traços de perfeição? Avaliar se estabeleço melhor relação com alunos esbeltos e ignoro os que estão acima do peso por considerá-los auto-corruptos.

3. Vínculo afetivo ou consangüíneo. Trato de maneira diferenciada alunos com os quais possuo algum vínculo mais estreito?

Atitudes como as que se seguem devem ser evitadas:

- a) Dispensar mais atenção a parentes e amigos para não perder o apreço e amizade desses evitando ao máximo a heterocríticas sadias e necessárias.
- b) Misturar as relações aproveitando o espaço para dar lição de moral.
- c) Alimentar muitas expectativas com relação ao meu desempenho e o desempenho desses alunos exagerando na dose da tares;

4. Quanto ao nível de erudição ou intelectualidade:

Docente que prefere ensinar aos mais inteligentes com os quais presume que também ganhará mais, desprezando os comentários dos alunos que segundo sua avaliação são menos inteligentes.⁶

5. Quanto à influência filosófica (místico-religiosa) do aluno:

O ideal é acolher todos os alunos independente das influências filosóficas anteriores a que estavam sujeitos. A grande maioria dos docentes de Conscienciologia de hoje fizeram parte de alguma doutrina ontem. Vale a pena refletir se você dispensa mais atenção ao espírita do que ao evangélico por julgar que o primeiro tem mais chances de entender as verpons.

Postura que demonstra total ignorância quanto às verpons é aquela de quem julga o outro inferior por não pertencer ou desconhecer a Conscienciologia. No processo do acolhimento interassistencial avançado não há lugar para preconceitos.

O ACOLHIMENTO É O PRIMEIRO PASSO PARA A MEGAFRATERNIDADE E UNIVERSALISMO.

Após identificar a existência de algum preconceito o ideal é trabalhar com afincos no sentido de diminuir esses traços.

Por mais que o docente seja aberto e crie ambiente favorável à participação existem casos de alunos que se fecham em copas durante as aulas denotando inclusive antagonismo acrítico ou mesmo agressividade.

Importa buscar incluir todos os alunos até mesmo os considerados mais desajustados ou assediados, pois esses são os que mais precisam de ajuda.

Em situações como estas, convém intensificar o processo de acolhimento interassistencial cabendo ao docente a tarefa de verificar o que pode ser mais eficaz nesse caso em particular.

Seguem algumas sugestões que podem contribuir no sentido de promover a inclusão do aluno no campo parapedagógico:

- a) Intensificar o *rapport* com o aluno e com o amparo do mesmo;
- b) Convidá-lo a ajudar em pequenas tarefas (distribuir textos por exemplo);
- c) Elogiá-lo;
- d) Focar nos trafores do aluno;
- e) Olhar para o aluno, demonstrar que ele tem importância;

⁶ “Para por em prática o diálogo, o educador não pode colocar-se na posição ingênua de quem se pretende detentor de todo o saber; deve, antes, colocar-se na posição humilde de quem sabe que não sabe tudo, reconhecendo que o analfabeto não é um homem “perdido”, fora da realidade, mas alguém que tem toda a experiência de vida e por isso também é portador de um saber.” (GADOTTI, 1999, p.2)

- f) Encontrar o ponto de intersecção⁷, algum tema afim ou ponto em comum com o aluno;
- g) Evitar a postura do revide;
- h) Chamá-lo a pensar junto sobre as ideias que estão sendo abordadas pelo professor;
- i) Intensificar o trabalho de energias evocando padrões de serenidade e conciliação;
- j) Evitar entrar na linha de assédio do aluno.

Estando instalado o holopense de acolhimento interconsciencial está aberto o caminho para o esclarecimento.

Todavia, ainda que esta pesquisa esteja fundamentada na tese de que acolher é um passo fundamental e necessário para a promoção da tares, é importante ter ciência de que nem sempre o acolhimento prévio é possível e nestes casos o professor poderá até fazer uso da impactoterapia quando necessário e adequado.

Convém lembrar que a postura ingênua de considerar que a reeducação cura tudo, merece ser abandonada visto que para determinados casos o melhor é a indicação de tratamento consciencioterápico ou até outro da área da saúde convencional.

As consciências são complexas e multifacetadas, o velho chavão *cada caso é um caso* deve ser sempre lembrado.

O professor precisa aprender a identificar os limites da tares. Ensejar esforços para incluir, acolher, não ser conivente, não alimentar a autocorrupção do aluno, atuar com firmeza quando necessário e até insistir em certas ocasiões.

Por outro lado, importa respeitar a liberdade daqueles que não desejam mudar, respeitar o momento evolutivo do aluno.

X. ACOLHIMENTO E DESEDUCAÇÃO (PAPARICAÇÃO)

É certo que a postura autoritária do “professor-general” não é adequada. Por outro lado a postura do “professor-mãezona” também merece ser evitada.

O ato de acolher desempenhado pelo docente, precisa ser bem trabalhado e dosado por esse a fim de se evitar a acomodação, vitimização ou manipulações por parte dos assistidos. Conforme Vieira (2003, p.236), “o limite crítico da assistência interconsciencial é a mordomia”.

Neste sentido, apresentar sempre respostas prontas e trazer a matéria muito mastigada em nada auxilia o desenvolvimento da criticidade dos alunos. O melhor é estimular o autodidatismo, a tares não gera dependentes.

O Acolhimento interassistencial não se confunde com adulação. A omissão deficitária do docente que, para não parecer rude ou magoar, deixa de realizar as heterocríticas necessárias sendo condescendente e reforçando as autocorrupções dos alunos nada tem a ver com acolhimento interassistencial.

Ao professor que se enquadra neste perfil convém investir todos os esforços e aprofundar em sua autopesquisa com vistas à identificação do que pode estar por trás dessa conduta. Uma dica é consultar como está sua autoestima, por exemplo.

⁷ Caso o leitor deseje aprofundar sobre o ponto de intersecção ou conexão com o assistido, recomenda-se o estudo sobre a Técnica da Intersecção: cruzamento de linhas afins (BALONA, 2003, P. 94).

Assim, de nada adianta ser amável e acolhedor sem ser eficaz na realização da assistência. Mas será que é possível realizar a tarefa sendo acolhedor sem perder a autoridade em sala? ⁸

“Pode-se influenciar os alunos de maneira muito positiva sem a necessidade de estar à porta da sala de aula para cumprimentá-los quando entram e saem da classe” (MORALES, 2008, p.42).

As auto e heterobservações realizadas por esta autora, enquanto docente e também na qualidade de aluna, demonstraram ser perfeitamente possível acolher os alunos sem comprometer a liderança ou autoridade cosmoética em sala. De que forma?

Não há fórmula ideal, mas o primeiro passo é disposição íntima, a vontade em realizar a mudança. É compreender o quanto essa reciclagem agregará no processo da interassistencialidade parapedagógica.

Podem ajudar nesta empreitada, a manutenção da intencionalidade sadia, o bom-humor, a utilização de técnicas como o morde-assopra, a aplicação do binômio admiração-discordância e posicionar-se firmemente sem exaltar as emoções.

No mais, com determinação, discernimento, aplicação da tentativa-erro-acerto e do acúmulo de experiências é que o docente encontrará a melhor forma de dosar o acolhimento com a tarefa em prol da interassistencialidade.

CONCLUSÃO:

O acúmulo de experiências da autora demonstrou que a instalação de um clima acolhedor em sala de aula, em muitos dos casos, propiciou a desdramatização da prática da tarefa.

Pôde-se notar que o acolhimento gerou uma relação de interconfiança para compartilhar experiências, expor e trabalhar traços pessoais dos envolvidos e estabelecer soluções para problemas.

A evolução e reciclagem dos alunos cujo processo de ensino-aprendizagem contou com um tratamento acolhedor por parte dos professores foi notória.

Na maioria dos casos o assistido não só se abria à assistência como passou a desejar a mudança.

Mesmo as intervenções mais difíceis parecem ter sido melhor aceitas pelos alunos, pois em razão do acolhimento prévio tinham clareza de que a intenção do professor era assistencial.

Conclui-se que vale a pena o docente investir todo o seu esforço na investigação, análise, reflexão e reciclagem de seus comportamentos a fim de qualificar a assistência a ser realizada.

Fica o convite para que o pesquisador interessado busque adotar posturas mais acolhedoras em sua práxis parapedagógica, provavelmente o saldo interassistencial será surpreendente.

BIBLIOGRAFIA

01. Almeida, Julio; **Qualificações da Consciência**; Editares; Foz do Iguaçu, PR; página 61.
02. Balona, Málu; **Autocura através da Reconciliação: um Estudo Prático sobre a Afetividade**; 342 p.; 11 caps.; 265 refs.; 21 x 14 cm; br.; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia; Rio de Janeiro,

⁸ “Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos [...] A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade. Não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem querer que tenha por ele.” (FREIRE, 1996, p.159-60)

- RJ; 2003; página. 94.
03. **Cavalcanti**, Roberto de Albuquerque , Revista de Clínica Cirúrgica da Paraíba, nº 6 ano 4, julho de 99. Disponível em: <http://www.ccs.ufpb.br/depcir/andrag.html>, acesso em: 16 julho de 2009.
 04. **Damasio**, Felipe Wilhems, *Posicionamento Docente e Desassédio em Sala de Aula; Anais da IV Jornada de Educação Conscienciológica* 2007; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciológica; Foz do Iguaçu, PR; página 86.
 05. **Feitosa, Sebastião, Parapedagogia e Universalismo; Anais da IV Jornada de Educação Conscienciológica 2007; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciológica; Foz do Iguaçu, PR; página 72.**
 06. **Houaiss** Eletrônico. Instituto Antonio Houaiss. CD ROM. 2009.
 07. **Klein**, Willian; *Professor Autopesquisador, Reeducador, Exemplarista; Anais da IV Jornada de Educação Conscienciológica*; 2007; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciológica; Foz do Iguaçu, PR; página 42.
 08. **Martins**, José Pio, O Bom Professor, Jornal Virtual Gestão Educacional ano 2, nº23, 16/07/07. Disponível em: <http://www.idbrasil.org.br/drupal/?q=node/18984>, acesso em 24 de julho de 2009.
 09. **Morales**, Pedro, *A Relação Professor-aluno: o que é, como se faz*, Loyola; São Paulo, SP, páginas 10, 23, 31,42.
 10. **Siqueira**, Denise de Cássia Trevisan, *Relação Professor-aluno: uma Revisão Crítica. Disponível em* <http://www.conteudoescola.com.br/site/content/view/132/42/1/1/> , acesso em: 01 de agosto de 2009.
 11. **Vicenzi**, Luciano; *Epicentrismo e Parapedagogia; Anais de III Jornada de Educação Conscienciológica*; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciológica; Curitiba; PR; Brasil; maio, 2005; páginas 223-231.
 12. **Vieira**, Waldo; *Enciclopédia da Conscienciológica*, 6. ed.; Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2010, páginas 2608, 3433.
 13. **Idem; Homo Sapiens Reurbanizatus**, Ceac; Foz do Iguaçu, PR, 2003, p. 236.

WEBGRAFIA

1. http://www.espacoacademico.com.br/052/52pc_silva.htm, acesso em 11 de agosto de 2009 - A relação Professor/Aluno no processo de ensino e aprendizagem, revista espaço acadêmico n. 52, setembro 2005, mensal ISSN 1519.6181 ano V. João Paulo Souza Silva

Glória Matuchewski, advogada especialista em Direito Previdenciário, voluntária da Conscienciológica desde 2002 (atualmente voluntária na Reaprendentia), docente desde 2004, parapedagoga desde 2007. E-mail: gloriamatuchewski@gmail.com